



DIDÁTICA DA LINGUAGEM SEM-TERRA

*discutindo as práticas
educativas do MST*

Lilia de Lima Vieira

Supervisão Técnica: Prof. Dr. Moacir
Lopes de Camargos

*"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na
palavra, no trabalho, na ação-reflexão."*

Paulo Freire

SUMÁRIO

Apresentação	1
Introdução.....	2
Conceitos teóricos em pauta.....	3
Concepção de língua e linguagem.....	4
Concepção de signo.....	5
Ritualizando o saber.....	6
Dialogando com a comunidade.....	7
Promoção de rodas de conversa.....	8
Para dialogar em roda.....	9
Em síntese.....	10
A importância de (re) criar a realidade.....	11
Referências.....	12

Apresentação

Este material pedagógico é uma continuidade das ações educativas realizadas pela pedagogia do MST, que tomou forma a partir de uma ação de pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa do Campus Bagé/RS.

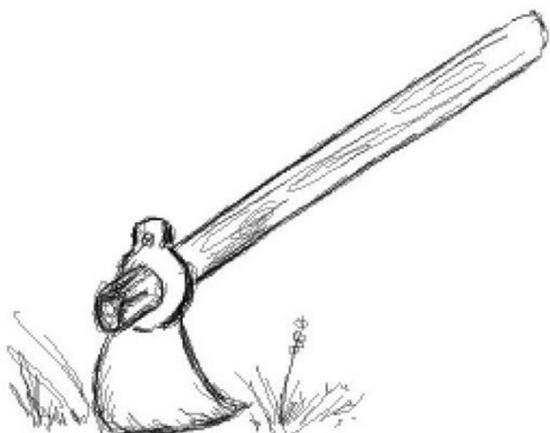
Sendo militante do MST e professora, trago para o âmbito acadêmico as discussões sobre educação e militâncias de esquerda, no intuito de dar visibilidade às lutas pela educação, que também faz parte dos objetivos de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST).

Este material é um complemento aos materiais já criados pelo movimento do MST, como Os Cadernos de Alfabetização da Reforma Agrária, importantes ferramentas para uso docente em contextos tão particulares como as comunidades marcadas pela ideologia do MST.

Nossa didática da linguagem SEM-TERRA tem como principal objetivo auxiliar o trabalho docente de educadores e educadoras que estejam inseridos em assentamentos e que desconhecem como trabalhar com uma pedagogia contextualizada e sensível ao meio em que se está inserido na ação educativa. Seja na educação formal ou não-formal, este material surge a partir de um trabalho coletivo, à muitas mãos, no qual aqueles que ensinam também aprendem, e os que aprendem também tem a oportunidade de ensinar.

Esta proposta tem a função de fornecer elementos básicos no trabalho/uso da palavra/tema gerador (a) “linguagem” nas mais diversas atribuições que podemos fazer com o termo, dentro do espaço da sala de aula. Nossa Didática da linguagem, como a denominamos, traz contribuições singelas e sugestões de como desenvolver um trabalho significativo e preocupado com a formação crítica dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, valorizando o saber popular, o sentimento de pertencimento, às necessidades dos alunos e a terra na qual a grande maioria tira o sustento da sua família.

Enfim, este material está destinado à militantes e dirigentes sem-terra, professores e professoras de todas as áreas da linguagem, ou aqueles que estão em formação para a docência.



Introdução

“E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”. Como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos.

(LARROSA, 2004, p. 152)

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem sido palco para muitas investigações científicas nos mais variados campos do saber (ciência política, educação, linguística, sociologia, etc.), o que evidencia a relevância deste movimento na conjuntura política e social que vivenciamos enquanto sociedade.

Neste sentido, este material pedagógico tem por objetivo promover a visibilidade e valorização das diferentes práticas educativas presentes em comunidades pertencentes ao MST e que devem ser levadas em consideração nos âmbitos escolares inseridos em comunidades marcadas pela ideologia sem-terra.

As proposições apresentadas neste material são apenas diálogos iniciais com professores e educadores sociais, principalmente aqueles que desconhecem a ideologia e realidades destes coletivos e precisam estar cientes destas particularidades para elaborações de práticas educativas contextualizadas.



Conceitos teóricos em pauta

Caro educador e cara educadora;

Este material se desenvolve a partir de conceitos teóricos que devem ser compartilhados para que cada um e cada uma compreendam como este trabalho está fundamentado e como as ideias que aqui serão articuladas, podem vir a dialogar com as suas realidades educativas e espaços formativos.

1- CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM

A língua, dentro dos pressupostos teóricos de Bakhtin (1986), se apresenta para os sujeitos que a falam no seu uso prático, de maneira inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida: “Linguagem enquanto código ideológico” (BAKHTIN, 1986, p. 68).

Dentro da perspectiva do Círculo de Bakhtin, um estudo abrangente da linguagem, deve levar em consideração as condições históricas, sociais, e culturais nas quais a interação é construída.



1.1 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM



A concepção de linguagem na qual nos apoiamos para elaboração deste material, também vem de encontro a esta perspectiva bakhtiniana, pois entendemos a linguagem enquanto interação. Geraldi (2004) afirma que esta concepção de linguagem implica uma postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, em que os falantes se tornam sujeitos. Tendo em vista que a linguagem sempre esteve presente na história da humanidade, esta se constitui, portanto, em parte inerente à vida humana. Portanto, a linguagem enquanto signo ideológico só se concretiza através da interação.



1.2 CONCEPÇÃO DE SIGNO

A escola precisa se abrir para os signos de representação sem-terra (mística, ideologia, terra, coletividade, agroecologia, trabalho e educação em diálogo, etc)



Para Bakhtin (1986), o signo é produto da consciência coletiva, uma vez que a sua origem vem do exterior, e se dá em um determinado momento na mente do indivíduo, refletindo o lado material da realidade onde está inserido esse indivíduo.

O signo não só reproduz a realidade dos sujeitos como também é parte desta realidade e está submetido a constantes avaliações de valores desta realidade.



Ritualizando o saber

Devemos reconhecer que na pedagogia educativa do MST existe o que denominamos de jogo de linguagem mística. Por isso, professor(a), devemos estar atentos a esta alternativa de prática, não percebendo-a como um momento de representação, mas de vivência mística, visto que, todos os alunos são sujeitos que compartilham de uma experiência em comum, que é o movimento sem-terra.

Ao iniciarmos uma atividade pedagógica precisamos de uma parte introdutória para diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos e também para valorizar as suas necessidades reais em prol da formação de nossas crianças, jovens, homens e mulheres do campo, militantes, assentados, filhos da terra, projetos educativos, políticos e sociais.

O principal objetivo desta proposição de trabalho está voltado para uma prática mais sensível no processo de ensino/aprendizagem de militantes e filhos de militantes sem-terra, através da formação crítica do sujeito na perspectiva freireana e bakhtiniana da ação pedagógica. Se articula também no intuito de promover um espaço de discussão e de escuta ao "outro", em suas necessidades educacionais e sociais, pensando em uma educação que privilegie a escuta, o diálogo e a reflexão, que dê autonomia para o sujeito pensar por si mesmo e também coletivamente.

Mediante uma didática da linguagem voltada para o saber prático e contextualizado, ou seja, que faça sentido ao educando, auxiliando os sujeitos a lerem, não somente as palavras, decodificando-as, mas que possam fazer uma leitura crítica e consciente do mundo.

Dialogando com a comunidade

Os sem-terra são sujeitos políticos e sociais que sempre trazem para as suas rodas de diálogo, exemplos de boas práticas, seja o exemplo do filho do assentado que está conseguindo progredir em seus estudos e deve ser destacado para motivar a juventude, seja nos relatos sobre os projetos do movimento, conquistas e também retrocessos na aquisição de projetos para a Reforma Agrária.

Esse é o perfil do coletivo sem-terra e isso deve ser considerado pela escola, para que se possa promover um diálogo eficiente entre comunidade e escola.



Promoção de rodas de conversa

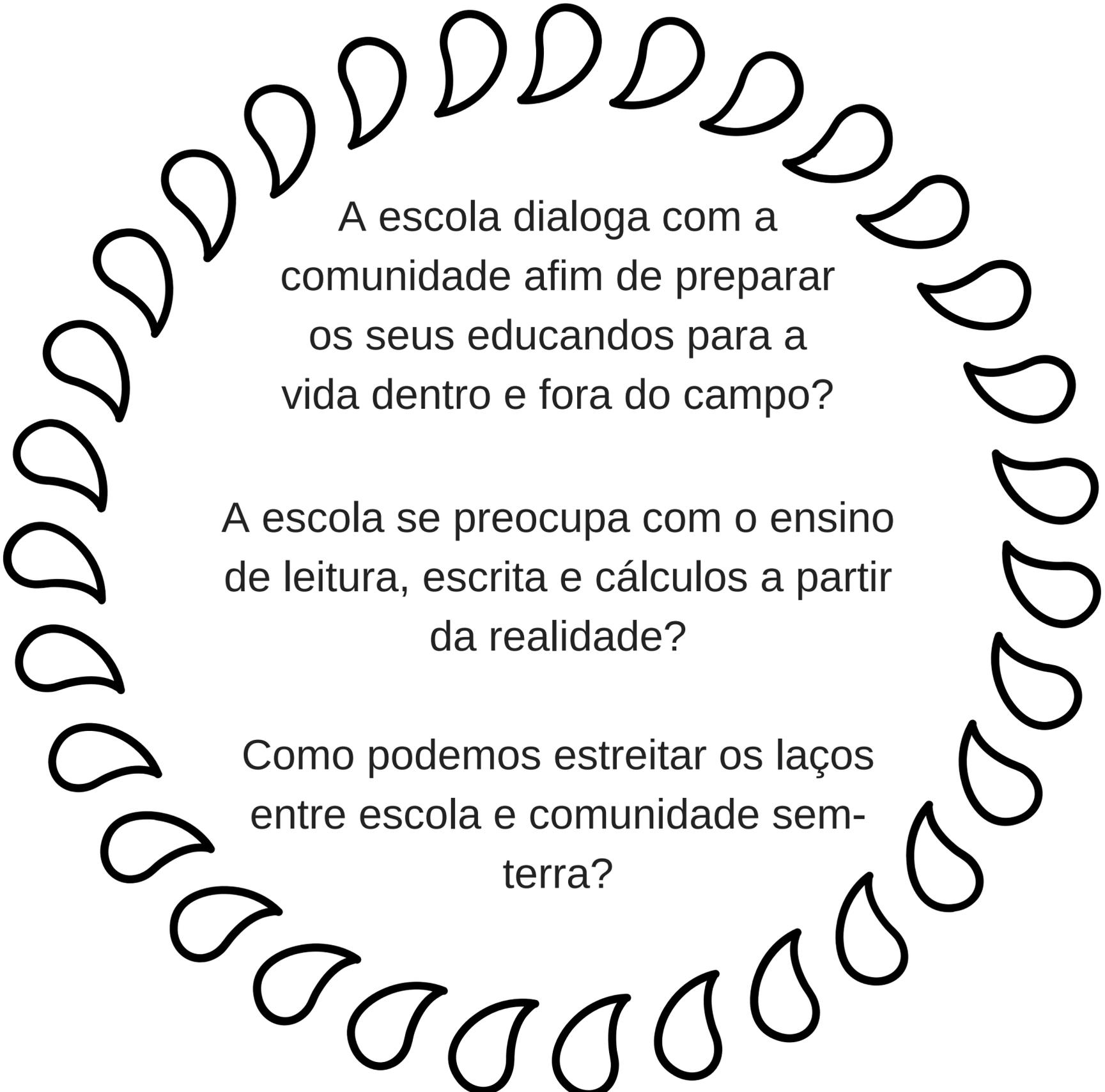
Professora (a);

Promova rodas de conversa entre escola e comunidade, a fim de conhecer melhor o coletivo e o local onde a escola encontra-se inserida.

Dialogue com o coletivo sobre as diferentes práticas educativas presentes na comunidade, trazendo a comunidade para dentro da escola e firmando parcerias para que o ensino e aprendizagem pautado na educação formal, contemple a realidade dos educandos e suas necessidades educacionais.



Para dialogarmos em roda



A escola dialoga com a comunidade afim de preparar os seus educandos para a vida dentro e fora do campo?

A escola se preocupa com o ensino de leitura, escrita e cálculos a partir da realidade?

Como podemos estreitar os laços entre escola e comunidade sem-terra?

Em síntese

Através dos pressupostos teóricos de Paulo Freire, propomos:

- A importância de um estudo da realidade social para construção/elaboração de eixos geradores;
- As diferentes práticas educativas do movimento social devem ser postas em debate nos ambientes escolares como forma de construção de conhecimento.
- Valorização do conhecimento prévio dos educandos/ conhecimento não- formal, integrando as diversas áreas do conhecimento ao cotidiano/realidade de cada sujeito;
- Apresentar a necessidade de denúncia das condições de opressão, por uma pedagogia crítica e emancipatória.



A importância de (re) criar a realidade

Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos.

Caso contrário domesticamos, o que significa a negação da educação. Um educador que restringe os educandos a um plano pessoal impede-os de criar. Muitos acham que o aluno deve repetir o que o professor diz a classe. Isso significa tomar o sujeito como instrumento.

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora.

Paulo Freire, **Educação e Mudança**, p. 41, 2018.

Referências

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato ético**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

_____; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**/ Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

_____. **Metodologia das ciências humanas**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.393-410.

BOGO, A. **O MST e a Cultura**. São Paulo: MST, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**/ Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Extensão ou comunicação**. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação e Mudança**. 38^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

LARROSA BONDIA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. 2004.

Para saber maiores informações sobre o MST e sobre os materiais pedagógicos criados pelo setor de educação deste movimento, acesse o link a seguir:

<http://reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/cadernos>